



FLOR como Património Natural e Cultural: Projeto Ecológico de Educação Artística na Ilha da Madeira, das Instituições Sociais à Comunidade

FLOWER as Natural and Cultural Heritage: Ecological Project of Art Education in Madeira Island from Social Institutions to the Community

Cláudia Sofia Dias Sousa

Faculdade de Belas-Artes – Universidade de Lisboa
claudiasds_14@hotmail.com

RESUMO

O presente artigo apresenta uma reflexão contendo as principais ideias sobre um projeto de Educação Artística com o tema “FLOR como Património Natural e Cultural” realizado na ilha da Madeira. O Projeto *FLOR* foi concebido no âmbito do Mestrado em Educação Artística da Faculdade de Belas Artes de Lisboa, desenvolvendo-se em duas fases: a contextualização e o fazer artístico, nas instituições sociais; e a abertura à comunidade através da participação na exposição *ECO FLOR*.

Esta abertura permitiu a observação e fruição de diversas exposições e actividades de cariz artístico e cultural, nomeadamente *CORAÇÃO VERDE* e *Exposição da Flor*, inseridas no certame da Festa da Flor, que reflectiram diferentes perspetivas em torno dos temas: Flor e Jardim.

O projeto foi desenvolvido com juniores e seniores, com o intuito de explorar questões ambientais diversas: preservação, património, ecologia e sustentabilidade. Os resultados reflectem a visão dos participantes sobre a sua *ilha jardim*, manifestada pela expressão artística em que se relacionaram a Educação, a Natureza e a Arte.

Palavras-chave: Educação; Arte; Património; Natureza; Ecologia

ABSTRACT

The present essay is essentially a reflection pertaining major concepts under an Art Education project entitled “*FLOWER as Natural and Cultural Heritage*” accomplished in Madeira island. The latter has been designed under a Master Degree in Art Education in Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon and developed in two stages: being the first an approach to context and artistic experimentation itself among social institutions, whilst the second opened up to the community, through their enrolling in the exhibit *ECO FLOR*.

This opening has allowed the observation and fruition of numerous exhibits along with other artistic and cultural activities, namely with the project *CORAÇÃO VERDE* and Flower Exhibition, all within the Flower Festival all displaying different perspectives around the themes: Flower and Garden.

With a blunt contribution of two generations, its sole purpose was to explore various environmental issues, as for instance, Nature preservation, Natural and Cultural Heritage, Ecology and endogenous resources. Their results vividly mirror their vision of their *garden island*, clearly imprinted on their artistic expression correlated with Education, Nature and Art.

Keywords: Education; Art; Heritage; Nature; Ecology

Introdução

(...) a cada um de nós cabe fazer um esforço para ser melhor, fazer melhor, cuidar melhor de nós próprios e dos outros. A cada um cabe a obrigação de cuidar do mundo, porque o mundo é um condomínio enorme onde todos temos casa (...) não devemos ficar parados à espera de que algo aconteça. A magia de estarmos vivos vem da possibilidade de fazermos acontecer. (Mãe, 2010: 4)

Num tempo em que todas as áreas da vivência humana, entre as quais se contam a moda, as tecnologias e a alimentação, apresentam soluções ecológicas para a evolução dos seus produtos, a arte e a educação artística devem igualmente acompanhar e promover esta tendência de protecção ambiental e de pensamento verde.

Este artigo apresenta um projeto de Educação Artística desenvolvido em 2011, fundado neste pensamento ecológico e sustentável, sendo os aspectos abordados: a natureza, o património natural e os endemismos da ilha da Madeira, conjuntamente com a cultura imaterial e as tradições enraizadas, em contexto de partilha de experiências na passagem de testemunho entre gerações.

A concretização deste objectivo obrigou ao envolvimento de naturais da Madeira, cerca de 165 jovens e seniores com idades compreendidas entre os 10 e os 85 anos. Orientou-se assim para participantes integrados em seis instituições sociais, nomeadamente, Escola Básica e Secundária do Carmo, Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco, Escola Básica e secundária de Santa Cruz, Centro Social e Paroquial do Bom Jesus da Ponta Delgada, Centro de Dia e Convívio da Casa do Povo do Arco de São Jorge, Centro Comunitário gerido pela Sociohabitafunchal com a mediação dos seus professores, respectivamente: Helena Sofia Fernandes e Martinho Pedro; Paulo Sérgio Beju, Helena Rosa e Octávio Coelho; Lucilina Freitas e Lília Jardim; Cristina Gonçalves; Ana Antunes; e Marcelino Caldeira.

O projeto colocou aos participantes um recurso endógeno da ilha da Madeira, a *FLOR*, fazendo uma relação intrínseca da ilha com a Natureza e a Ecologia que potenciou uma abordagem artística da flora endémica e do património natural, a par do património cultural. Desta forma a *FLOR*

tornou-se um elemento passível de despoletar a partilha de experiências e formação de juízos críticos, facilitando a apreciação e a experimentação artísticas.

O projeto desenvolveu-se numa primeira fase no seio das instituições, nas aulas de Educação Visual e Tecnológica e de Educação Visual nas escolas, e nas actividades ocupacionais nos centros de dia, partindo de um local familiar para proceder à contextualização do tema *FLOR* através de acções de sensibilização e à concepção de um trabalho prático individual, utilizando preferencialmente materiais reutilizados e sustentáveis.

Na segunda fase, o projeto *FLOR* expandiu-se à comunidade com a junção de todos os trabalhos realizados, exibindo-os na exposição *ECO FLOR*, realizada no átrio da Câmara Municipal do Funchal, concebida para divulgar a capacidade criativa dos participantes e promover a sua integração social em projetos com visibilidade. Nesta abertura à comunidade procurou-se também uma ligação com outras exposições que abordassem a mesma temática, *flor e jardim*, desenvolvendo-a sob diversas perspetivas. Apresentou-se um percurso desenhado com vários pontos estratégicos de passagem para apreciar e reflectir, enquadrados numa estrutura coesa de um programa cultural já existente: o certame da Festa da Flor 2011 que, sendo programa anual, no centro da cidade do Funchal, promove as qualidades naturais da ilha.

No percurso delineou-se a passagem pela exposição *ECO FLOR*, fruto da interpretação de cada participante no Projeto Flor; os tapetes de flores naturais da Avenida Arriaga e a 56ª Exposição da Flor no Largo da Restauração dinamizados anualmente pela Câmara Municipal numa vertente de divulgação turística; a intervenção artística *CORAÇÃO VERDE*¹ numa visão poética e artística de 12 criadores sobre o *jardim*, com a coordenação de Dina Pimenta, no espaço InfoArt (galeria da Delegação de Turismo); e a actividade *ÁRVORE DA ESPERANÇA* no Jardim Municipal (também concretizada pelo Projeto Flor) numa reflexão da flor no seu contexto natural.

A actividade envolveu todos estes pontos de visita, e cada ponto revelou-se uma base construtiva de reflexão para enriquecer o reportório de imagens e emoções.

Este segundo momento do projeto foi desenvolvido não só para os participantes envolvidos no mesmo, mas também para a restante população interessada, naturais e visitantes da ilha, que puderam usufruir das exposições e da actividade final no Jardim.

¹ Para ver o enquadramento do projeto, consultar o site <http://www.coracaoverde11.blogspot.com/>.

Assim o projeto de mediação: *FLOR como Património Natural e Cultural* justificou-se perante a carência de actividades educativas em projetos artísticos nas pequenas galerias e simultaneamente perante a necessidade de existir, com maior frequência, uma interação entre as instituições e a comunidade, contribuindo igualmente para a mediação entre a arte e o público, através da visão dos participantes sobre a sua *ilha-jardim*.

Breve Enquadramento Teórico: Educação Artística

Educação artística é um conceito abrangente que conjuga dois grandes pilares: a Arte e a Educação. A Arte, segundo Nigel Warburton (2007: 137), é um termo “provavelmente indefinível” devido às “inadequações de um conjunto de definições existentes, conjuntamente com a natureza sempre mutável” aliado igualmente à brevidade da nossa existência, mas sugere que “podemos proveitosamente discutir questões particulares” (Warburton, 2007: 143) isto é, analisar obras de vários artistas em particular, em detrimento de uma explicação generalista, que procura encontrar forçosamente pontos comuns de criações tão divergentes. Deste modo o autor (Warburton, 2007: 140) considera que o valor da arte está na mensagem que a obra consegue passar, referindo que o seu valor poderá ser transmitido através da sugestão de “formas de abordar e compreender a obra como algo que, de algum modo, é uma contribuição para a nossa cultura, merecendo o nosso esforço e compreensão”.

A abordagem à obra de arte em particular, para o entendimento do conceito de Arte, requer um trabalho de mediação, no qual a Educação tem um papel fulcral. É portanto através de métodos educacionais, que se pode fomentar a curiosidade e despertar o interesse pela compreensão da obra, revelando a mensagem do artista e causando satisfação no fruidor por ter descodificado o significado. Esta satisfação poderá elevar o nível de empatia, valorizando consequentemente a obra exposta.

Assim, a Educação e a Arte aliam-se num conceito que as une: a Educação Artística, que interliga e facilita a mensagem entre o Homem e a expressão artística, entre o público e a Arte.

A Educação Artística é um conceito lato que carrega consigo um caudal de informação adquirido através da

educação empírica, ou seja, acumulado pela prática. Deve ser entendida como a educação para a sensibilidade e para o cultivo do “bom gosto”, podendo ser introduzida através da educação formal, no caso das escolas e outras instituições sociais, da educação não formal, nos centros culturais, museus, galerias e inclusive centros comerciais, que também vão contribuindo de forma tendenciosa para a formação do gosto, e da educação informal, ou seja, a educação empírica através da experiência vivida.

A designação de Educação Artística refere-se a uma vasta área que envolve práticas educacionais ligadas às particularidades do que, no nosso contexto cultural, se denomina por Arte. Possibilita a experiência da formação do gosto e da apreciação estética e artística, através das práticas artísticas, constituindo-se deste modo como uma área global na qual se integram as várias expressões artísticas. Neste contexto conceptual, o conceito de *artístico* abrange não só as artes visuais, como também a música, a dança e a expressão dramática.

No que diz respeito à especificidade das artes visuais, a Educação Artística desenvolve a percepção visual e táctil, a criatividade, a inteligência espacial, o pensamento visual, a imaginação e memória visual, a valorização e avaliação qualitativa de imagens e objectos, no sentido do desenvolvimento do juízo crítico e a sensibilidade estética.

Importa assim frisar alguns pensamentos de teóricos cujos ideais continuam actuais e passíveis de aplicação na prática do ensino artístico.

Herbert Read (2010: 18) no contexto da educação pela arte, defende que o objectivo da educação é encorajar a singularidade individual e desenvolver a consciência social através da *integração na unidade social*, ou seja, a sociedade é a chave para o sucesso da individualidade pois esta só “se realiza dentro da totalidade orgânica da comunidade”.

Lowenfeld (1977), impulsionador da Educação Estética, é o autor dos estádios do desenvolvimento do desenho infantil e como tal, aborda a arte como meio para a educação, acreditando no seu poder terapêutico como instrumento para despoletar emoções e proporcionar harmonia. Defende princípios que assentam na prática lectiva, onde as actividades desenvolvidas propiciam interacções capazes de explorar o potencial criativo e expressivo de cada aluno na relação de ensino-aprendizagem.

Na perspetiva Cognitivista de Gardner (1995: 213) a educação necessita de “desenvolver abordagens curriculares que provem ser efectivas para os indivíduos com diferentes

perfis intelectuais”. Como tal, apresenta a teoria das Inteligências Múltiplas, onde toda a capacidade do corpo e da mente é colocada num patamar de igualdade. Considera que todo o ser humano nasce com potencial, e que este deve ser estimulado nas várias áreas.

Na mesma linha de pensamento, centrada na cognição, Arnheim (1991) constrói uma visão da importância da educação artística com base na *percepção visual*, sendo a aprendizagem influenciada pelo meio e pela forma.

No modelo de abordagem estético-disciplinar, Ralph Smith (1995: 177) dá um enorme contributo para o desenvolvimento do tema da *excelência* na educação artística, criando o currículo K-12 no qual apresenta respostas para necessidades específicas no contexto de aprendizagem artística na sala de aula.

Numa outra vertente da apreciação, Harry Broudy (1987) defende que a construção de um imaginário rico em imagens é essencial para o desenvolvimento e articulação da linguagem e de uma série de outros conceitos. No decorrer do processo de acomodação na mente humana, os *símbolos representativos* transformam-se em conceitos claros e inteligíveis, outrora códigos ambíguos e difíceis de decifrar. Nesta acomodação a *estrutura alusiva*, constituída por palavras e imagens, torna-se mais sólida e bem articulada, conduzindo uma tímida percepção estética a uma educação estética mais consistente que com tempo e continuidade de absorção sensorial poderá atingir a literacia estética.

Muitos outros teóricos tiveram também um papel fundamental no desenvolvimento da Educação Estética e Artística, desenvolvendo teorias e conceitos que revelam visões contemporâneas e actuais nesta matéria, como é o caso de Ana Mae Barbosa (2008), que se apropria do museu como o local ideal para desenvolver a “arte educação”. Considera que este é um espaço propício para a mediação entre a arte e o público, apresentando uma abordagem triangular do ensino da arte: a contextualização histórica; a apreciação da obra; e o fazer artístico.

Esta abordagem tem servido como quadro de referência a muitas investigações de autores contemporâneos, e foi também ponto de referência para o presente projeto.

A Importância da Educação Artística para Todas as Idades

Uma das finalidades da arte é contribuir para o apuramento da sensibilidade e desenvolver a criatividade dos indivíduos. Na Educação, esta finalidade é uma dimensão de reconhecida importância na formação do indivíduo, ampliando as possibilidades cognitivas, afectivas e expressivas (...) Encorajar crianças e adultos a compreenderem as Artes Visuais constitui um objectivo global da Educação (Fróis, 2000: 201).

O projeto *Flor como Património Natural e Cultural* não se centrou apenas nas crianças e jovens, mas também nos seniores o que poderia suscitar *a priori* uma diferença no desenvolvimento da actividade e na expressão individual entre ambos, mas na realidade e segundo Herbert Read (2010: 256) o único elemento em que difere a criação destes dois grupos aparentemente distintos é a “diferença de energia e coordenação muscular” ou seja, a *técnica*, que se conquista através da aquisição de conhecimentos e experiência, revelada com o *amadurecimento* progressivo do ser humano. Apesar de a *técnica* estar naturalmente mais evoluída nos adultos, com a idade a coordenação muscular torna-se um ponto fraco pelo desgaste do corpo, daí considerar que tanto as crianças como os seniores se encontram em patamares aproximados de concretização. A experiência dos adultos surge lado a lado com o poder de imaginação dos jovens, como o único ponto divergente, numa metamorfose estimulante. Nesta perspectiva, o projeto incide na igualdade de oportunidade de criação para ambos os grupos, jovens e seniores.

Gardner (1995: 214) ao defender a teoria das Inteligências Múltiplas, esclarece que:

os seres humanos existem em múltiplos contextos, e que esses contextos simultaneamente requerem e estimulam diferentes arranjos e grupos de inteligência. O estudo desses contextos contrastantes envolve um formidável desafio e oportunidade.

Neste caso específico, a oportunidade foi criada através do projeto *FLOR*, com o intuito de unir e estimular os diferentes contextos e grupos de inteligência, tanto pela idade, como pela cultura local que na ilha da Madeira difere das zonas rurais para as zonas urbanas. Por outro lado, o desafio incidiu na possibilidade dos participantes mostrarem a sua singularidade perante um tema comum, com base numa partilha de experiências em grupo, através do trabalho cooperativo. Esta partilha possibilitou o desenvolvimento

de produtos elaborados para um contexto social, estando expressas em cada trabalho as ideias e sentimentos de cada participante sobre o mesmo tema. Este exercício de criação ajudou a desenvolver a criatividade, ou seja a capacidade de resolver problemas.

Para Mihaly (1998: 257) “a experiência directa ensina pelo menos tanto como nos livros” por isso defende que “uma boa sociedade precisa de mais do que boas escolas com bons programas e laboratórios atualizados. A educação acontece em toda a comunidade. Nas lojas, nas estradas, nos meios de informação...” dá a necessidade de criar um projeto mais abrangente que envolvesse os participantes dentro e fora das instituições.

A Ilha-Jardim na Visão dos Habitantes e dos Visitantes, com Base nas suas Características Naturais

A Ilha da Madeira apresenta uma paisagem natural montanhosa com características únicas na sua flora, justificando assim a classificação atribuída pela Unesco como Património Natural da Humanidade.

Enquadrada na região fitogeográfica da Macaronésia, que engloba os arquipélagos dos Açores, Canárias e Cabo Verde, a flora do arquipélago da Madeira apresenta cerca de 157 endemismos identificados até à data. A palavra Macaronésia deriva do grego que significa *ilhas afortunadas*, pelo facto de nelas se terem conservado espécies vegetais que, na era terciária, cobriam generosamente o sul da Europa e que, devido às glaciações quaternárias, desapareceram em definitivo, resistindo unicamente nesta região graças à amenidade do clima. Sendo a Macaronésia uma das regiões com maior biodiversidade na Europa, o arquipélago da Madeira apresenta-se consequentemente como um nicho de riqueza vegetal, englobando cerca de 2600 espécies, das quais 800 são indígenas. Dentro das espécies indígenas, pertencentes à região da Macaronésia, 157 são endémicas, o que significa que são específicas, unicamente, do arquipélago da Madeira. As restantes 1400 são cultivadas, trazidas pelo Homem de outros continentes ao longo da história das ilhas.

O território montanhoso da Madeira apresenta quatro andares fitoclimáticos. Na primeira camada encontra-se a

Vegetação xerófila que se inicia junto ao mar até sensivelmente 300 metros de altitude; no segundo andar posiciona-se a *Floresta de transição*, que se situa entre os 300 e 600 metros; a terceira e mais extensa camada equivale à *Floresta Laurissilva*, ocupando um espaço físico entre os 600 e 1300-1350 metros de altitude; e por último encontra-se a *Vegetação de altitude*, situando-se acima dos 1350 metros. Todos os andares fitoclimáticos apresentam diferentes características devido à grande variação de temperatura, que como explica Raimundo Quintal (2007: 19) “com a altitude a crescer sucedem-se os microclimas, que fomentam uma notável variação da vegetação”.

É no terceiro andar fitoclimático que se encontra uma vasta riqueza natural que nos valeu a classificação de Património Natural da Humanidade, no entanto Quintal (2007: 53) refere ainda as qualidades e benefícios que esta floresta proporciona aos habitantes da ilha:

A Laurissilva é vital para os madeirenses porque, para além do seu interesse paisagístico e das raridades botânicas que alberga, esta floresta garante disponibilidade de água para irrigação das terras de cultivo e jardins, abastecimento público e produção de energia eléctrica.

As características naturais da ilha, não só são proveitosas para os que nela habitam, como também despertam interesse a muitos visitantes, que durante séculos marcam a sua presença pelas mais diversas razões, entre as quais destaca-se o interesse científico dos naturalistas, botânicos, geólogos e outros cientistas fascinados pelo estudo de tal exuberância vegetal e o interesse terapêutico que moveu inúmeros doentes das classes mais abastadas da Europa, crentes dos efeitos benéficos das propriedades climáticas para alcançar a cura.

A divulgação espontânea e generosa dos vários visitantes que passam na ilha tornam-na conhecida em toda a Europa pelas suas qualidades fitogeográficas e climatéricas, mas também estéticas da paisagem, o que se considera importante frisar.

A Ilha da Madeira tem sido visualizada por muitos como um “jardim à beira mar plantado”, descrita como a “Ilha dos Amores”, “Pérola do Atlântico”, “Ilha das Flores”, entre outras observações generosas. Alguns afirmam ser uma estratégia concebida pelos que nela vivem para atrair visitantes (Franco 2010: 39), o mito de *ilha-jardim* numa construção ideográfica que serve de estratégia à promoção turística. No entanto,

antes de existir a capacidade de divulgação propagandística da ilha, ou antes mesmo de existir o conceito de turismo como viagem de lazer, pensado pelos ilhéus como base económica do seu sustento, já existiam roteiros marítimos e passavam navegadores, exploradores e curiosos das diversas áreas científicas e artísticas que estanciavam na ilha para esse fim.

Na verdade, não são os ilhéus que promovem inicialmente o encantamento da ilha para conquistar visitantes, mas sim os próprios visitantes que, ao explorarem a terra desconhecida, formam a sua própria opinião sobre a mesma.

Assim os relatos dos visitantes passam a constituir a base da visão encantadora construída, da ilha, não existindo mito, mas sim uma idealização da realidade, utilizada atualmente pelos naturais na promoção da sua terra.

A diversidade da flora e o exotismo de algumas espécies, o impacto assombroso na relação de escala entre o Homem e a paisagem, as excelentes condições da terra e do clima para o cultivo de frutos, vegetais e flores indígenas e importadas, o próprio clima salubre, e “a relação entre o processo de humanização da paisagem e da integração da sociedade no meio natural” (Franco, 2008: 61) que inspira Ernest Haeckel no séc. XIX, na invenção do conceito de *Ecologia*, fazem da ilha, perante os olhos de quem a visita, um grande jardim.

A Ilha da Madeira, pela sua escala natural desproporcionada face à escala humana, pelo verde íngreme e selvagem que mergulha no azul do céu e do mar, e pela força visual dos rochedos assombrosos, oferece mil e uma vistas possíveis de registar, preenchendo os requisitos de paisagem pitoresca, que se inclui no pensamento estético inglês desenvolvido no século XVIII, o qual influenciou toda a Europa ao nível da arte, numa relação intrínseca com a paisagem.

A concepção de *ilha jardim* é, desta forma, idealizada e concretizada pelos que a visitam e permanecem, especialmente ingleses, rendidos à grandiosidade da flora selvagem capaz de revelar um número infinito de vistas pitorescas por toda a ilha, muitas vezes assinaladas pelos miradouros estrategicamente colocados para o efeito. As moradias ajudam igualmente a pincelar a paisagem com as variadas espécies de plantas e flores que emergem da terra fértil e contornam as casas com bordados cromáticos.

Estes novos habitantes criam, então, uma visão que projecta o ideal de jardim e de paisagem, cujas principais características se encontram naturalmente na ilha: a assimetria, a irregularidade, a diversidade de texturas, a monumentalidade da paisagem e o contexto romântico que a própria Natureza proporciona, numa metáfora entre a vida e

a morte, envolvendo o observador numa experiência estética, espiritual, emocional e mesmo sinestésica do “jardim inglês”.

Entende-se por “jardim inglês”, uma composição paisagística que explora o gosto pelos efeitos e vestígios dos elementos naturais, da vegetação, da intempérie, explorando a decadência de frágeis vestígios humanos e os respectivos contrastes de escala. Projecta-se na realidade uma concepção que enfatiza o seu lado selvagem e rústico, numa visão cénica e por vezes algo teatral do conceito *picturesque*. O “jardim inglês” procura evocar o conceito de sublime, de Burke, sendo uma intensificação romântica do *picturesque*, como espaço natural capaz de suscitar emoções fortes, como o medo e simultâneo encantamento.

Maria Lamas que, em 1935, permanece algum tempo na Madeira para a conhecer diz que:

É um deslumbramento! Uma sinfonia panorâmica, de proporções magestosas mas com a frescura e a graça duma delicada aguarela. Há uma espécie de romantismo visual no quadro que resulta das moradias singelas, alvejando entre arvoredos e cobertas de telhas avermelhadas, a pintalgar de alegria a tela maravilhosa.; “...cidade poética, diferente de todas as cidades do Mundo, bela por natureza e intensamente sugestiva de sonho (1956: 30).

A Madeira, como *ilha jardim*, capaz de criar uma relação intrínseca entre o Homem e a Natureza, torna-se o espaço desejado pelos românticos para a realização desta fantasia pitoresca de cumplicidade com a paisagem natural. De certo modo, ganha uma característica de concretização de um sonho estético que acaba por se ajustar à visão que os naturais e os visitantes têm da ilha. É a concretização de uma estética romântica inglesa que reflecte de modo puro e selvagem a verdadeira paisagem pitoresca retratada num “jardim inglês”.

Assim, a própria Natureza justifica-se em função de quem a vê e contempla, revelando a sua própria beleza aos olhos dos naturais e dos visitantes.

Celebrar a Primavera e a Natureza com o Projeto FLOR

Por toda a ilha e isoladamente, pequenas festas e arraiais marcam a tradição de um povo que vai procurando manter

a sua identidade e os costumes do passado. Durante todo o ano, surgem motivos para a celebração de pequenas tradições em cada freguesia, sendo as religiosas em maior número. Contam-se ainda o Natal, a passagem de ano e a época da colheita de determinados alimentos/produtos de que é exemplo a atual festa do vinho e das vindimas, mas também as da castanha, da banana, da cereja etc. e a festa da flor, que enaltece a Natureza.

Muitas destas tradições, que assinalam épocas festivas, são feitas de pequenos gestos criativos para decoração dos espaços. Os habitantes apropriam-se da Natureza redesenhando-a. As flores são elementos que, pela delicadeza das formas e variedade da paleta cromática, inspiram os habitantes na concepção dos elementos festivos. As ruas vestem-se de colunas e arcos cobertos de flores de plástico, outrora de papel de seda, elaboradas pelos nativos.

O espírito cooperativo e simultânea dedicação e alegria que envolvem os habitantes nos trabalhos manuais, para ornamentação das freguesias em festa, são motivo de encantamento e interesse por parte dos visitantes, que absorvem estas manifestações culturais como uma experiência a divulgar.

É possível assim observar-se a presença da flor em muitas das celebrações organizadas pelos madeirenses expressando fascínio, familiaridade e sentimento de pertença e valorização deste ser vivo, vizinho de todos os madeirenses.

Desde 1955 que a estação das flores é celebrada numa exposição anual de cariz científico, o 'concurso da flor', no espaço interior do Ateneu Comercial do Funchal, agremiação fundada pelos empregados do comércio a 8 de Dezembro de 1898.

Este concurso, inicialmente denominado "Festa da Rosa", veio rapidamente transformar-se numa exposição dedicada a todas as espécies de flores, a "Festa da Flor". As pessoas interessadas participam com uma flor do seu quintal, cortada ou em vaso, submetendo-a à apreciação de todos os visitantes e à avaliação de peritos, que classificam e premeiam os produtores, incentivando a continuidade da floricultura na ilha.

Após 24 anos, a Secretaria Regional do Turismo e Cultura, atual Secretaria Regional de Turismo e Transportes, conjuntamente com a Câmara Municipal do Funchal, criam o evento cultural mais abrangente, que alia o Ano Internacional da Criança à celebração da flor. A Festa da Flor nasce assim em 1979, projectada para a cidade.

O evento estrutura-se em três partes: a Exposição – Concurso da flor, o Muro da Esperança, que promove a relação entre a criança e a flor, e o Cortejo da Flor. "O Muro da Esperança é um acto das crianças," (Gomes, 1985: 23) um momento simbólico em que pais e professores acompanham as crianças até ao Largo do Colégio para colocar uma flor, trazida de casa, num grande muro de ramagens verdes constituído por algumas coníferas, abetos e criptomérias, que encobrem a estrutura metálica de suporte, preparada para receber o gesto "colorido" das crianças. O Cortejo da Flor é composto por um desfile de crianças e adolescentes que enaltecem a beleza da sua juventude, trajadas com elementos florais. Esta imagem festiva de simbiose entre o ser humano e a flor é referida como um "espectáculo deslumbrante de cor, som e alegria para os que têm a sorte de o contemplar." (Gomes, 1985: 25)

Para além desta estrutura, a festa da flor tem introduzido novos elementos que já fazem parte das comemorações habituais, tais como: os tapetes de flores elaborados por diferentes freguesias, que mostram a grande influência da flor no património cultural, cobrindo o traçado principal da Avenida Arriaga, espaço de eleição na cidade.

Esta celebração de primavera espelha na cidade a Natureza no seu estado de graça: a *FLOR* como símbolo de beleza estética possível de ser contemplada no seu habitat natural, em toda a *ilha jardim*, é trazida ao coração da cidade e revelada em maior abundância e concentração, com uma "moldura pitoresca" que este evento propaga durante os dias festivos.

Na Madeira, muitas celebrações dispersas por toda a ilha, que de longa data acompanham os costumes das suas gentes, são agora divulgadas e valorizadas como património cultural imaterial e efémero, a exemplo da Festa da Flor. Alguns destes eventos estão a expandir-se gradualmente, abrindo-se a novas vertentes, possibilitando mostrar aos visitantes algumas das qualidades, tradições, e recursos endógenos que a ilha tem para oferecer. Por outro lado, existe a necessidade de corresponder à curiosidade dos mesmos, que já não viajam somente por lazer, mas também pela aquisição de novos conhecimentos e experiências, através do contacto com a cultura de cada povo.

Propôs-se então a concretização de um projeto de Educação Artística com base no recurso endógeno *FLOR*, associado e desenvolvido no seu contexto festivo. A escolha do elemento justificou-se pelo vasto território de possibilidades que permite explorar entre áreas importantes

como a ecologia, a preservação ambiental, sustentabilidade, património natural e cultural, etnografia e outros, mas também pela proximidade e familiaridade dos participantes com este elemento. Deste modo, pretendeu-se olhar o evento da Festa da Flor numa perspetiva dinâmica de evolução e adequação que pudesse partir de um cartaz turístico para reflectir mais aprofundadamente sobre os recursos endógenos, enquanto possível base de criação artística.

A *FLOR* foi então explorada no *enquadramento tradicional* de jardim como elemento estético de beleza, introduzido num espaço exterior de lazer e contemplação, mas essencialmente no *enquadramento introdutor* deste capítulo, mais familiar aos habitantes, de *ilha jardim*, como espaço humanizado de relação harmoniosa entre os naturais da ilha e a sua própria Natureza. Numa segunda abordagem, a *FLOR* reflectiu-se como *património cultural*, imaterial e efémero, fazendo parte de tradições e de memórias, marcando datas festivas e sublinhando emoções. Foi também introduzida numa reflexão sobre os jardins e a Natureza como metáfora da vida, numa abordagem mais simbólica da sua existência, comparativamente à existência do ser humano.

Por outro lado, a *FLOR* foi analisada como *património natural* através da divulgação dos seus endemismos e da floresta Laurissilva. Nesta vertente interligaram-se questões de preservação ambiental, de protecção da Natureza e das riquezas naturais do território, da sua sustentabilidade através da capacidade de criar utilizando apenas os recursos existentes e, fundamentalmente, do cultivo de atitudes ecológicas.

Neste seguimento, o serviço educativo do projeto *FLOR*, constituído por apenas um elemento (Cláudia Sousa), desenvolveu actividades para dois tipos de público: os envolvidos e os não envolvidos no projeto. Os envolvidos constituíram um grupo de 165 pessoas, jovens e idosos que desenvolveram actividades práticas nas instituições a que pertencem e participaram na actividade final (percurso de visita guiada às exposições). Os não envolvidos foram todos os visitantes que somente participaram na actividade final, desenvolvida em torno da exposição *Eco Flor* e da *Árvore da Esperança* no jardim Municipal.

Resultados da Ação

O projeto constituiu-se em duas fases: a fase de sensibilização, dividida em dois momentos, a motivação/contextualização e a introdução à flora endémica e a segunda

fase de abertura à comunidade, com a concretização de uma exposição com os trabalhos dos participantes, e a envolvimento dos mesmos num percurso de visita guiada com uma actividade final.

Na fase de sensibilização, a mediadora do serviço educativo dirigiu-se às instituições com o intuito de explanar o projeto aos participantes (Figura 1). Neste contacto foi possível trocar impressões, fazer questões e partilhar experiências sobre o tema a desenvolver, criando um elo de proximidade. Esta sensibilização baseou-se fundamentalmente no diálogo e na exibição de alguns trabalhos finais, tendo sido também entregue uma apresentação em *power point* aos professores para, no seguimento das aulas, aprofundar e explorar todas as questões apresentadas.

Figura 1 – Primeira fase de sensibilização nas instituições (contextualização do Projeto Flor). Ex: Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco (6 Janeiro) e Centro de Dia do Arco de São Jorge (11 Fevereiro). Fonte própria



Na segunda fase de sensibilização (Figuras 2 e 3) para conhecer os endemismos, conseguiu-se, após várias trocas de e-mail, a presença e intervenção de um convidado especial, doutorado em fitogeografia de plantas ornamentais, sensibilizado para questões ecológicas e ambientais no que diz respeito à protecção da flora endémica da Madeira. O Dr. Raimundo Quintal focalizou o seu diálogo explorando a riqueza natural da ilha. Debruçou-se sobre a floresta Laurissilva e

as espécies de plantas endémicas da Madeira, em torno de imagens apresentadas em *power point*. Esta participação foi um complemento fundamental para o projeto, pois de outra forma não seria possível ser tão esclarecedor e capaz de corresponder ao dinamismo e interação suscitado por curiosidades e questões muito específicas. A sua presença garantiu “sala cheia” em todas as instituições, visto ter despoletado interesse de outros professores para assistir, participando assim algumas turmas não envolvidas no projeto.

Figura 2 – Sensibilização. Centro Social da Ponta Delgada. 11 de Março 2011. Fonte própria



Figura 3 – Sensibilização. Escola Básica e Secundária de Santa Cruz. 15 de Março 2011. Fonte própria

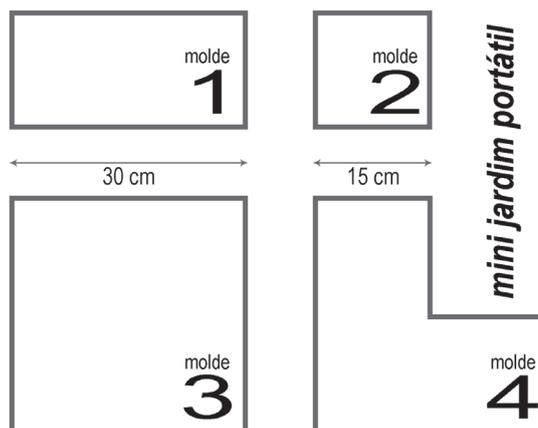


Na componente prática, jovens e idosos desenvolveram com a ajuda dos professores dois tipos de trabalho. O primeiro foi a criação de um *scrapbook*², para incentivar a

² Entenda-se por Scrapbook, uma espécie de caderno ou diário pessoal, que tem o intuito de reunir elementos sobre um determinado tema, ideia ou momento. Um hobby popular que capta fragmentos da memória expressos por palavras, desenhos e colagem de imagens ou mesmo objectos.

fase de pesquisa e recolha de ideias, solicitando somente algumas páginas de registo, e o segundo, a concepção de um pequeno jardim num suporte de cartão com quatro formatos possíveis (Figura 4), com dimensões máximas de 30x30cm, utilizando materiais reciclados ou de desenho/pintura.

Figura 4 – Quatro formatos para suporte de cartão



Foi interessante notar a diversidade na escolha de materiais e técnicas para realizar os pequenos jardins. Todas as instituições apresentaram trabalhos criativos, correspondendo a uma possível solução da proposta apresentada.

As turmas de 6.º ano dos currículos alternativos da Escola Básica e Secundária do Carmo optaram pela vertente mais ecológica (Figura 5), apresentando trabalhos tridimensionais com materiais reutilizados, tais como, esferovite, caixas de ovos, palhinhas, rolhas de cortiça, cartão, plástico, lacre, garrafas, tampas, etc. No entanto, também aplicaram a unidade de aprendizagem do módulo padrão, repetindo a flor desenhada e criando jardins simétricos e coloridos com a técnica do lápis de cor. Neste caso, foi possível observar o empenho de crianças habitualmente desmotivadas para a escola, devido às dificuldades de aprendizagem e concentração, agarrando-se ao projeto por ser mais livre e criativo. Pensa-se que com este tipo de actividades estas crianças desenvolvem mais concentração e afinidades com o sistema escolar.

Figura 5 – Processo de trabalho com materiais reutilizados e desenho de módulo-padrão, entre Março e Abril de 2011. Fonte: Sofia Fernandes



A Escola Básica e Secundária Gonçalves Zarco optou pela experiência de desenho de observação ao ar livre, devido às características enriquecedoras do jardim da mesma, que contém inclusivamente espécies endémicas da ilha.

A envolvimento dos jardins com a sala de aula possibilitou a dinâmica de pesquisa directa exterior/interior, inspirando-os para o trabalho final. Os resultados foram “deliciosos”, muito diversificados tanto ao nível de materiais como no próprio formato dos desenhos, num misto de tintas, canetas, papel, recorte, colagem e incisões/talha em prensado de madeira, procurando a minuciosidade dos pormenores presentes na Natureza e nos jardins (Figuras 6 e 7).

Figura 6 – Desenho de observação no jardim da escola. Março 2011. Fonte: Paulo Sérgio



Figura 7 – Exemplo de Trabalho final - “jardim” 30x30cm. caneta azul e mancha de água. Março 2011. Fonte: Paulo Sérgio



A Escola de Santa Cruz apresentou trabalhos que mostraram a diversidade e ideias dos alunos ao nível do 9.º ano (Figura 8), com projetos mais arrojados e pensados,

com algum conceito. Alguns optaram por uma base de tela em detrimento do cartão, imprimindo um aspecto mais profissional aos trabalhos. As técnicas foram diversas, sublinhando o desenho, a pintura, e a colagem de materiais. Todos eles representaram ideias entusiastas, fruto da sua experiência e gosto pessoal, mas muito em parte pelo envolvimento e sensibilização das palavras do Dr. Raimundo Quintal, que segundo a professora da turma, Lucilina Freitas, tiveram bastante peso na dinâmica e inspiração dos trabalhos finais.

Figura 8 – Ambiente da sala de aula no processo de trabalho. Concepção do Jardim. Turma 9.º B. Abril 2011. Fonte própria



Quanto à participação dos seniores, no caso específico do centro social da Ponta Delgada, constatou-se uma entrega total que demonstra a aprendizagem introduzida por gerações e a dedicação pela técnica do bordado que, apesar de escassa, está ainda presente e faz parte da cultura local. O bordado madeira foi fielmente representado por este grupo, imprimindo a temática da flor que é habitualmente a referência dominante neste tipo de técnica. O gosto pelo bordado foi demonstrado desde o início da proposta, pois faz parte das suas vidas. Neste caso específico, os seniores desenvolveram o trabalho final com base nas medidas propostas inspirando-se nas flores endémicas, e ainda com a orientação do desenho elaborado pela professora.

Aqui sentiu-se que não existiu mudança ou alteração no conteúdo das actividades práticas, que se mantiveram ao gosto das participantes. A grande diferença prendeu-se com a presença do Dr. Raimundo Quintal na instituição, visto ser uma referência para todas elas que resultou numa conversa acesa sobre nomes de plantas, plantas curativas e a descrição dos seus pequenos jardins; mas também, numa vertente mais prática, a oportunidade de mostrar os seus trabalhos

ao público, que muitas vezes ficam expostos somente na instituição, não existindo qualquer tipo de divulgação. Esta oportunidade provocou grande satisfação e entusiasmo pela participação no projeto, e de alguma forma um sentimento de pertença e de inclusão social, sendo os bordados um meio de valorizar as capacidades e a possibilidade de dar visibilidade à arte de bordar (Figuras 9 e 10).

Figura 9 – processo de trabalho – jardim em bordado de Madeira. Fevereiro 2011. Fonte própria



Figura 10 – Recolha dos trabalhos para a exposição *ECO FLOR*. Abril 2011. Fonte própria



O centro de dia do Arco de São Jorge apresentou trabalhos que espelham as vivências e o dia-a-dia dos participantes. Na sua maioria foram trabalhos sustentáveis, com base nos materiais colhidos nos seus terrenos, como sementes e folhas, mas também houve a presença de pequenos bordados em desenhos simétricos e a utilização de materiais reaproveitados, salientando também a vertente ecológica (Figuras 11 e 12). O entusiasmo foi tal que, em média, cada participante fez dois trabalhos, muitos deles iniciados no centro e finalizados em casa, demonstrando o envolvimento no projeto. Sublinha-se desta forma a necessidade de existirem projetos que não se fechem somente no seio da instituição, mas que consigam maior projecção na sociedade.

Figura 11 – Processo de trabalho utilizando várias técnicas e materiais sustentáveis. Março 2011. Fonte própria



Figura 12 – Jardim ecológico - tricotado com tiras de plástico. Março 2011. Fonte própria



No caso do centro comunitário do Funchal, a diferença de idades e gerações proporcionou um espírito de entreatajuda e o resultado fez-se notar na diversidade de técnicas e expressões (Figura 13), abrindo caminho e predisposição para a futura participação em actividades semelhantes. Houve também a participação de três jovens provenientes de diferentes países, que estavam inseridas na equipa, através de um programa de intercâmbio comunitário.

No que se refere à segunda fase do projeto que visava a abertura à comunidade, foi realizada a exposição *ECO FLOR*, que se encontrou patente ao público no átrio da Câmara Municipal do Funchal entre 3 e 10 de Maio. Foram expostos 220 trabalhos dos 165 participantes, paralelamente à intervenção artística *CORAÇÃO VERDE* no espaço de galeria InfoArt entre 5 e 12 de Maio, que revelou doze jardins de

doze criadores convidados: António e Cristina Rodrigues; Bruno Côrte; David Francisco; Dina Pimenta; e José Tolentino Mendonça; Esmeralda Meneses; João Pimenta; Manuel Rosa; Manuela Aranha; Martinho Mendes; Octávio Freitas; Sérgio Benedito e Suzana Fontinha.

Figura 13 – Processo de trabalho na Quinta Falcão. Registo de ideias e concretização do trabalho final – jardim. Utilização de desperdícios de cartolinas e papel crepe. Março 2011. Fonte: Marcelino Caldeira



A exposição *ECO FLOR* realizou-se em frente ao Largo do Colégio, sítio onde habitualmente decorrem muitas actividades e concertos, a exemplo da actividade anual do *Muro da Esperança* inserida na Festa da Flor. Tanto a localização central e importância histórica do edifício, como a sua proximidade física com esta actividade da Festa da Flor, que decorreu em simultâneo com a exposição, contribuíram para superar as expectativas quanto ao número de visitantes da mesma. Maioritariamente estrangeiros em grupos de visita guiada ou isolados, muitos foram também os habitantes que por coincidência na passagem foram atraídos para o interior pela vivacidade cromática que cobria o chão (Figura 14).

Figura 14 – Exposição *ECO FLOR* no átrio da Câmara Municipal do Funchal. Maio 2011. Fonte própria



Figura 15 – “Scrapwall” à saída da exposição, placards com fotografias sobre o processo de trabalho de cada instituição. Maio 2011. Fonte própria



Figura 16 – Pormenor do tapete central. Exposição *ECO FLOR*. Maio 2011. Fonte própria



Figura 17 – Pormenor de um trabalho com flores em *origami*. Maio 2011. Fonte própria



Para além do elemento informativo *scrapwall* (Figura 15) colocado à saída da exposição, constituído por quatro painéis com um conjunto de fotografias do processo de trabalho dos participantes, o tapete de flores, organizado pela junção dos trabalhos individuais dos participantes (mini jardim portátil), foi sem dúvida o ponto de focagem para todos os visitantes, que se debruçavam para tirar fotografias, constituindo-se assim como o objecto principal da exposição. Nele encontraram-se representadas algumas flores endémicas, fazendo referência ao património natural da ilha, fruto da experiência absorvida nas acções de sensibilização e ao longo do desenvolvimento do projeto, mas também flores indígenas, muito conhecidas pelos naturais, e flores imaginárias criadas pelos mesmos num momento de inspiração. As técnicas e materiais foram tão variadas que tornaram todos os trabalhos especiais, complementando-se uns com os outros e enriquecendo consequentemente o tapete no seu ex-líbris de novas espécies ecológicas (Figuras 16 e 17).

Esta junção de diversos jardins concebidos por jovens e seniores, fez nascer um tapete de flores ecológico, sustentável e artístico, numa referência final ao património cultural imaterial, que contou com o olhar atento de 3471 visitantes ao longo dos vários dias de exibição (Figura 18).

Figura 18 – Visitantes a percorrer o tapete central da exposição *ECO FLOR*. 7 de Maio 2011. Fonte própria



A experiência de interação e abertura ao exterior não se restringiu à mostra dos trabalhos realizados nas instituições, que se interligam para ganhar força visual na exposição *ECO FLOR*. Como idealizado pelo serviço educativo do Projeto *FLOR*, a exposição *ECO FLOR* para além de ter sido uma oportunidade para mostrar a criatividade e o empenho dos participantes, foi simultaneamente um ponto de partida para uma actividade de visita guiada num percurso que englobou

várias exposições com a mesma temática, direcionando-os para uma participação mais activa junto da comunidade.

Este percurso fez deslocar os participantes das instituições ao centro da cidade de Funchal para reflectirem sobre *a flor e o jardim* em diferentes linguagens e perspetivas, numa visão turística, artística, cultural e ecológica. O roteiro foi desenhado para iniciar com a exposição *ECO FLOR*, em seguida visualizar a 56.^a Exposição da Flor e os tradicionais tapetes de flores expostos na Avenida Arriaga, depois observar a estrutura escultórica exterior *JARDIM AEONIUM* de Sílvia Cró e Dina Pimenta, passando pela intervenção artística *CORAÇÃO VERDE* no espaço Infoart (Figura 19) e por fim a actividade de reflexão *ARVORE DA ESPERANÇA* (Figuras 20, 21, 22, 23 e 24), onde cada participante escreveu uma mensagem numa cartolina para posteriormente ser colocada numa urze arbórea já sem vida, fazendo-a “renascer”. Esta encontrava-se estrategicamente posicionada num lugar de destaque em pleno Jardim Municipal. Assim, poder-se-á afirmar que os participantes não foram meros espectadores mas sim agentes activos de todo o projeto, em todas as etapas do mesmo.

Considerações Finais

O projeto foi concebido com base no tema FLOR como Património Natural e Cultural, possibilitando uma experiência alargada de interpretações sobre o tema, em vários pontos da cidade do Funchal. Teve o objectivo de explorar questões ambientais, sociais e culturais, através de uma orientação artística, com base na experimentação, na contemplação e na contextualização cultural e natural da ilha e da ecologia.

A exposição *ECO FLOR* foi o produto final de um trabalho desenvolvido ao longo dos quatro meses (entre Fevereiro e Maio de 2011) nas várias instituições sociais integradas neste projeto, reunindo todos os trabalhos e experiências de 165 jovens e seniores. Foi uma iniciativa que espelhou o olhar de um grupo de habitantes da ilha da Madeira sobre a sua terra, numa visão mais restrita sobre a Natureza, o jardim e a *FLOR*.

Explorou-se não só a vertente de fruição/apreciação, desenvolvendo competências para um maior nível de percepção e conseqüentemente maior estímulo e prazer ao absorver o conteúdo, mas também ao nível prático, a experimentação e exploração de materiais plásticos diversos, alguns reutilizados e/ou sustentáveis, desenvolvendo competências artísticas

com maior destreza e expressividade. A contextualização do tema também foi abordado nas instituições ao longo das duas acções de sensibilização, focando questões como: o património, as referências da flor e do jardim na obra de alguns artistas madeirenses, as tradições e a cultura, a preservação ambiental, a ecologia e sustentabilidade, a flora endémica e indígena, e as características naturais da ilha como a Floresta Laurissilva.

Desta forma cumpriu-se o dever de interação e aproximação entre a arte e o público, através da abordagem triangular do ensino artístico de Ana Mae Barbosa que centra a aprendizagem na contextualização, no fazer artístico e na fruição, procurando assim despertar o interesse e motivação pela e para a arte.

Os professores, importantes intermediários do projeto, conduziram o tema intercalando-o com os conteúdos curriculares. Todos abordaram o Projeto FLOR de maneira diferente, segundo o nível de ensino ou numa vertente mais livre de atelier ocupacional, no caso específico dos seniores, mas também segundo as dificuldades e especificidades apresentadas por cada grupo, a exemplo da turma de currículos alternativos.

O facto de o projeto ter sido trabalhado com duas faixas etárias distintas, crianças/jovens e idosos, foi motivante e gratificante. Primeiramente porque todos tinham conhecimento da existência e participação das restantes instituições, causando um sentimento de trabalho conjunto de que resultou maior impacto e dedicação. Em segundo lugar, porque o próprio projeto ganhou com a diversidade de materiais e ideias que se complementaram numa simbiose entre a frescura e espontaneidade dos mais jovens e a sabedoria dos seniores. Este meio de interação e partilha, como base para uma melhor integração na sociedade e conseqüente inclusão social, vai ao encontro da teoria socioconstrutivista de Vygotsky.

O envolvimento deste grupo de pessoas no projeto mostrou ser um motivo para se sentirem mais prestáveis e úteis, pois inseriu-os com igual importância na sociedade e comunidade onde vivem. A satisfação pela oportunidade de expor os seus trabalhos, muitas vezes vistos pelos próprios como algo simples e de pouco valor, foi visível, principalmente quando confrontados com o contributo de cada pequeno trabalho na totalidade do tapete, potencializados por se encontrarem dispostos uns ao lado dos outros. Esta trama de trabalhos, de idades, de relações, de sentimentos, de partilhas, de ideias e de materiais, permitiu que o projeto fosse a oportunidade

Figura 19 – Exposição *CORAÇÃO VERDE* no espaço InfoArt. Visita guiada com os alunos da Escola Básica e Secundária de Santa Cruz, 6 de Maio 2011. Fonte própria



Figura 20 – Escolha da urze arbórea com equipa do Parque Ecológico do Funchal, 28 de Abril 2011. Fonte própria



Figura 21 – Transporte da urze arbórea com grua, 2 de Maio 2011. Fonte própria



Figura 22 – Mensagens de naturais e visitantes da ilha da Madeira para colocar na *ÁRVORE DA ESPERANÇA*, Maio 2011. Fonte própria



Figura 23 – *ÁRVORE DA ESPERANÇA* no Jardim Municipal, 10 de Maio 2011. Fonte própria



Figura 24 – Pormenor de um galho da *ÁRVORE DA ESPERANÇA*, 10 de Maio 2011. Fonte própria



de mostrar a qualidade e capacidade criativa dos jovens e seniores mostrando a importância da sua integração social e do seu contexto na ilha.

Neste sentido é possível fazer uma analogia entre o jardim materializado por cada participante, reflexo do seu mundo interior e a sua visão sobre a *ilha-jardim*, que espelha as suas experiências e tradições como ilhéus numa consciência intrínseca enraizada sobre o jardim onde habitam.

Considera-se assim que o resultado final do projeto e o seu impacto no meio foi positivo, com muitos visitantes na exposição *ECO FLOR*, com a participação activa dos participantes e professores, com a colocação de muitas mensagens na *ÁRVORE DA ESPERANÇA*, não só pelos participantes mas também por turistas que questionavam a sua presença no jardim, com a boa visibilidade para a comunidade através dos meios de comunicação social e acima de tudo com o grande apoio de entidades, nomeadamente a Câmara Municipal do Funchal e o Parque Ecológico do Funchal, pois sem eles não teria sido possível divulgar os trabalhos à sociedade e muito menos realizar a actividade final de fruição pelos vários pontos da cidade.

Este projeto surge assim como proposta para contornar os escassos projetos educacionais nas galerias de arte e outros pequenos espaços de certame artístico, servindo de semente para futuras iniciativas.

Muitas vezes, estes pequenos espaços encontram-se mais próximos das escolas e das restantes instituições sociais, do que propriamente os museus, sendo desta forma um excelente meio para veicular a educação artística, desde que previamente preparada para abordar o objecto em exposição. Deixa-se assim, e para terminar, um apelo à introdução de actividades educativas relevantes nos projetos artísticos, em que coabitem a possibilidade de contacto com a obra e com o artista, divulgando o que se faz na arte contemporânea e conduzindo o fruidor à participação e interação com a obra, tornando-o essencialmente um agente activo na mediação entre a arte e o público. O apelo dirige-se especificamente às delegações, às instituições culturais e ao governo, para incluírem no orçamento dos projetos artísticos uma verba dedicada ao serviço educativo e à educação artística.

No balanço final, pode-se considerar que o Projeto *FLOR* acrescentou ao certame da Festa da Flor 2011 uma componente mais educativa e artística, propicia a atrair um turismo mais cultural, sensibilizou para o potencial de criação e expressão artística a partir do aproveitamento dos recursos endógenos e despoletou uma elevação cultural, tanto dos

naturais como dos visitantes, fomentando a interação aos vários níveis.

Formar visitantes participativos, significa formar cidadãos activos e atentos ao meio. Explorar a mensagem dos artistas, significa abordar temas e questões da vida e da sociedade em que estão inseridos. Aprender através do desenvolvimento de competências artísticas é utilizar e desenvolver a criatividade e a sensibilidade para entender todas as outras áreas do conhecimento. *Educar pela e para a arte* é saber conjugá-la como meio e como fim, utilizando-a como ferramenta para desenvolver seres humanos sensíveis e atentos, possibilitando maior prazer na fruição desta forma de vida, a Arte.

Referências Bibliográficas

- Arnheim, Rudolf (1991). *Thoughts on Art Education*. Los Angeles: The Getty Center for Education in the Arts.
- Barbosa, A. M. (2008). "Mediação Cultural é Social" em A. M. Barbosa, & R. G. Coutinho, *Arte/Educação como Mediação Cultural e Social* (pp. 13-23). São Paulo: Unesp.
- Barbosa, A. M., & Cunha, F. P. (1991). *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Cortez.
- Broudy, Harry S. (1987). *The Role of Imagery in Learning*. Los Angeles, California: The Getty Center for Education in the Arts. Occasional Paper 1.
- Csikszentmihalyi, Mihaly (1998). *Novas Atitudes Mentais, Uma Psicologia para o Terceiro Milénio*. Círculo dos Leitores, Maio de 1998 (tradução Mário Dias Correia, The Evolving Self).
- Franco, Eduardo José, "Os Congressos e o Congresso "Jardins do Mundo"" em Franco, José Eduardo, Gomes, Ana Costa (coord.) *Jardins do Mundo – Discursos e Práticas* (2008). Gradiva Publicações, S.A. 1.ª edição. Outubro, pp. 11-13.
- Franco, José Eduardo, "MADEIRA, MITO DA ILHA JARDIM Cultura da regionalidade ou da nacionalidade imperfeita" em Franco, José Eduardo, Gomes, Ana Costa (coord.) *Jardins do Mundo – Discursos e Práticas* (2008). Gradiva Publicações, S.A. 1ª edição.

Outubro, pp. 37-68.

- Fróis, João Pedro, Marques, Elisa, Gonçalves, Rui Mário (2000). "A Educação Estética e Artística na Formação ao longo da vida" em *EDUCAÇÃO ESTÉTICA E ARTÍSTICA Abordagens Transdisciplinares*, coord: Fróis, João Pedro, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp.201- 243.
- Gardner, Howard (1995). *Inteligências Múltiplas, A Teoria na Prática*, Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda. (tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese).
- Gomes, Maria (1985). *Experiência Estética e a Festa da Flor*, Funchal: Editorial Eco do Funchal.
- Lamas, Maria (1956). *Arquipélago da Madeira, Maravilha Atlântica*. Funchal: Editorial Eco do Funchal Lda. 19 Dez.
- Lowenfeld, Viktor (1977). *A Criança e a sua arte: Um guia para os pais*. São Paulo: Mestre Jou.
- Mãe, Valter Hugo (2010). *As mais belas coisas do mundo*, Carnaxide: Editora Objectiva, 1.ª edição.
- Mendes, Martinho (2011). *Coração Verde – Conceito* [consult. 2011-06-30] Disponível em <URL: <http://coracaoverde11.blogspot.com/2011/04/texto-de-enquadramento-espaco-infoarte.html>.
- Quintal, Raimundo (2007). *Quintas, Parques e Jardins do Funchal estudo fitogeográfico*. Lisboa: Esfera do Caos Editores Lda.
- Read, Herbert (1943). *Educação Pela Arte*. Gráfica de Coimbra: Edições 70, tradução Ana Maria Rabaça e Luís Teixeira (2010).
- Smith, Ralph (1995). *Excellence II, The Continuing Quest in Art Education*. Reston: Virginia, National Art Education Association.
- Warburton, Nigel (2007). *O Que É a Arte?* Lisboa: Editorial Bizâncio, 1.ª edição. Outubro. original: The Art Question, 2003.

